

**TRADUÇÃO**

A TRADUÇÃO DE SAMUEL PUTNAM DE *OS SERTÕES* –  
*REBELLION IN THE BACKLANDS*, DE  
EUCLIDES DA CUNHA

John Milton\*

**Abstract:** The present paper looks at certain aspects of Samuel Putnam's translation of Euclides da Cunha's *Os Sertões*, *Rebellion in the Backlands*. Of great importance is the fact that *Os Sertões*, usually seen as a work of literature in Brazil, is seen more as a factual narrative in English, and placed by its publisher, the University of Chicago Press, in the Literature/History section. Putnam also adds a large number of footnotes to those of Euclides de Cunha.

Also of interest is the fact that Putnam, translating just when the US was entering the Second World War, goes to great lengths in his preface to emphasize how close *Os Sertões* is to the American experience of division in both the Civil War and the entrance of the US into the Second World War.

**Zusammenfassung:** Der vorliegende Aufsatz untersucht Samuel Putnams Übersetzung des Romans *Os Sertões* von Euclides da Cunha (*Rebellion in the Backlands*) unter verschiedenen Gesichtspunkten. Von großer Wichtigkeit ist die Tatsache, daß *Os Sertões* in Brasilien gewöhnlich als literarisches Werk betrachtet wird, während das Buch auf Englisch mehr als historischer Bericht gilt und vom Verlag, der *University of Chicago Press*, in der Sparte *Literature/History* geführt wird. Außerdem fügt Putnam eine große Zahl von Fußnoten zu denen von Euclides da Cunha hinzu.

Von Interesse ist auch die Tatsache, daß Putnam, der seine Übersetzung gerade zu der Zeit anfertigte, als die USA in den Zweiten Weltkrieg eintraten, in seinem Vorwort ausführlich darauf eingeht, wie nah *Os Sertões* den Meinungsgegensätzen steht, die die amerikanische Erfahrung sowohl des Bürgerkrieges als auch des Eintritts in den Zweiten Weltkrieg kennzeichneten.

**Palavras-chave:** Euclides da Cunha; Tradução; Segunda Guerra Mundial; Estados Unidos.

Esta comunicação pretende abordar alguns pontos pertinentes com respeito à tradução de *Os Sertões* – *Rebellion in the Backlands*, feita

---

\* O autor é professor doutor do Departamento de Letras Modernas, Área de Inglês, da USP.

por Samuel Putnam e publicada pela *Chicago University Press*. A tradução é muito competente e completa, com uma introdução do tradutor, prefácio de Afrânio Peixoto, ilustrações, glossário e índice remissivo.

É significativo o fato de que *Rebellion in the Backlands* foi publicada por uma editora universitária, a *University of Chicago Press*, na série *Phoenix Books in History*. Na capa constam as categorias *Literature/History*. Desse modo, pode-se observar que o aspecto de *Os Sertões* como livro de história é enfatizado. Assim, as exigências são diferentes das de um livro de ficção, publicado por uma editora comercial, visando um mercado comercial. A ênfase do livro de história será sempre a acurácia dos fatos históricos, usando fontes secundárias. Putnam acrescenta suas notas de rodapé às notas de Cunha já existentes. Nesse caso, o elemento didático é também importante: o tradutor sempre toma muito cuidado para explicar absolutamente tudo ao público norte-americano. *Rebellion in the Backlands* é um curso sobre o sertão brasileiro, no qual a erudição do tradutor faz questão de aparecer.

Podemos comparar esta tradução com uma outra tradução que se encaixa na categoria de ficção, a de *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, na qual não há nenhuma tentativa de explicar as referências às religiões sincretistas ou às expressões afro-brasileiras. Isso é o próprio desejo de João Ubaldo, que traduziu seu próprio romance, pensando que o leitor de romance não fosse querer tais explicações. Escrevendo em inglês, comenta:

"In general, people in England and the United States know as much about Brazil as about traffic conditions in Kuala Lumpur. They are very astonished when they find out we speak Portuguese, not Spanish, and that some of us wash, have teeth, wear clothes and live in houses. So should I suffocate the book with hundreds of footnotes, making it longer than the New York telephone directory? I decided I wouldn't [...] I hoped the reader would develop an interest in the story, and forget about having never heard of many things and events mentioned in the novel. I don't think it's extremely important to understand everything, but there are those who feel cheated because I have neither made a glossary nor presented them with a synopsis of Brazilian history. Most people, I think, would be bored or intimidated by ponderous introductions and pesky glossaries, always sending you to the back of the book. In any case, a German edition was

produced before the English one, and it did very well with no glossary and no introduction." (p. 3-4)

A tradução de *Os Sertões* encaixa-se no âmbito universitário, como uma tradução explicativa e uma edição crítica. Conforme Ubaldo, a tradução de *Viva o Povo Brasileiro* encaixa-se em um âmbito mais comercial: a maioria de seus leitores estarão somente desfrutando do romance como lazer. O resultado é que há traduções muito diferentes.

O prefácio do tradutor em *Rebellion in the Backlands* é muito revelador. Temos que lembrar que Putnam está introduzindo *Os Sertões* para o público norte-americano, que teria tido muito pouco contato com qualquer obra vinda do Brasil ou do resto da América Latina. Putnam sempre tenta ser didático e comparativo. A tradução foi publicada em plena Segunda Guerra Mundial, uma das razões de sua publicação, devido ao fato de que os contatos com a Europa estavam sendo cada vez mais dificultados, e o governo norte-americano tinha consciência das vantagens de manter bons contatos e influenciar os vizinhos latino-americanos, que, em alguns casos, haviam sido influenciados e atraídos pelo fascismo. Foi a época do *Good Neighbour Policy*, do papagaio Zé Carioca de Walt Disney, e da viagem mal-sucedida de Orson Welles ao Brasil para filmar *It's All True*. Os norte-americanos deveriam tornar-se mais familiarizados com a América Latina e ter da mesma uma imagem positiva.

Putnam faz um paralelo direto com a Segunda Guerra: "...it is a tale that should hold a special interest for this war-torn age of ours... Here is guerilla warfare in its pristine form, with the 'scorched earth' and all the other accompaniments. And here, finally, after a months-long, house-to-house battle that recalls the contemporary epic of Stalingrad, are one old man..." (p.5)

Temos também que nos lembrar da falta de unidade ao redor da decisão dos Estados Unidos entrarem na Segunda Guerra em 1942, entre os isolacionistas, que queriam que os Estados Unidos ficassem fora da Guerra, e os intervencionistas, que queriam ajudar os aliados. A rixa nos Estados Unidos não deveria se tornar um conflito violento, parecido com o conflito de *Os Sertões*. Através de *Os Sertões*, Putnam prega a unidade nacional, usando as palavras de Cunha:

“This entire campaign would be a crime, a futile and a barbarous one, if we were not to take advantage of the paths opened by our artillery, by following up our cannon with a constant, stubborn, and persistent campaign of education, with the object of drawing these rude and backward fellow-countrymen of ours into the current of our times and our own national life.’ Here again is the dream, the inspiring vision, of national unity – ‘the mystical concept of national unity’ [como Gilberto Freyre o chama].”

Mas também podemos considerar esta idéia como um dos mitos norte-americanos mais importantes no século XX – a idéia do *melting pot*, da unidade como resultado da mistura.

O contraste entre civilização e barbárie também é visto através do prisma norte-americano: Putnam faz um paralelo claro: a maneira pela qual os “civilizados” norte-americanos, os pioneiros, tratavam os índios é semelhante à maneira pela qual as forças “civilizadas” republicanas tratavam os jagunços.

Voltamos à questão do gênero ao qual *Os Sertões* pertencem. Putnam cita Gilberto Freyre, dizendo que Euclides era “um engenheiro social animado por um ideal político” (p.vii), um cientista e repórter, homem de letras e sociólogo. Putnam cita *A Revista Brasileira de Geografia*, que enfatiza a importância de Cunha como um dos mais importantes geógrafos brasileiros, e a opinião de Roquette Pinto, de que Euclides era essencialmente um ecologista. A importância desses elementos científicos em *Os Sertões* resulta numa tradução que necessariamente tem de ser acurada. Porém, não é exclusivamente um livro técnico: Putnam também considera Cunha um dos originadores do romance brasileiro, junto com Machado de Assis, e *Os Sertões* já influenciaram romancistas brasileiros tais como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo.

Putnam sempre tenta facilitar o caminho para o leitor norte-americano: a experiência do norte-americano em escutar a voz de Cunha é semelhante à do europeu do século passado ao escutar a voz de Whitman: suas tentativas de introduzir uma prosa que fosse diferente da norma vinda da Europa são semelhantes: “for example – his ‘yawp’ sounded quite as barbaric as did that of Whitman to an Emerson.” (pp.viii-ix)

Putnam sempre compara Cunha com o familiar: uma mistura do “poet-naturalist like Darwin”, e “in capturing the emotional drama of inanimate nature – be compared to a novelist like Hardy”. Também é comparado com Hardy pela tendência latinizante do seu vocabulário.

### Referências bibliográficas

- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, São Paulo, Círculo do Livro, sem data.
- \_\_\_\_\_. *Rebellion in the Backlands*, Tr. Samuel Putnam, Chicago, Chicago Univ. Press, 1944.
- LANDERS, Clifford. “Back to the Violent Land: Reassessing the Putnam Translation of *Terras Sem Fim*”. In: *Translation Review*, Nos. 30 & 31, p. 38-40, 1989.
- UBALDO RIBEIRO, João. “Suffering in Translation”. In: *Portuguese Translation Group Newsletter* (ATA, New York), V. 3, nº 3, p. 3-4, jan/feb 1990.
- \_\_\_\_\_. *Viva o Povo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *An Invincible Memory*, London, Faber, 1989.